

Para esquerda, Brasil já é outro

MARCONDES SAMPAIO

Mesmo que não consigam eleger Lula presidente da República, as forças de esquerda que o apoiam — especialmente o PT — deram um salto extraordinário na ocupação de espaços políticos em todo o País, devendo, por isso, assumir um papel decisivo no futuro Congresso a ser eleito no próximo ano, com possibilidade, também, de conquistar vários governos estaduais.

Essa previsão otimista está sendo feita pelos presidentes dos três partidos que formam a “Frente Brasil Popular”: Luis Gushiken, do Partido dos Trabalhadores, Jamil Hadad, do Partido Socialista Brasileiro, e João Amazonas, do Partido Comunista do Brasil. Os três também coincidem na avaliação de que, qualquer que seja o resultado da disputa presidencial, “o Brasil já é outro”, rompido com as estruturas e partidos tradicionais e identificado de maneira mais autêntica com as aspirações da sociedade, dando prioridade às camadas mais carentes e não mais às elites.

A atual representação do PT no Congresso é composta de 16 deputados, bem como a do PC do B, e a do PSB, de seis deputados e dois senadores (Jamil

Hadad e o candidato à vice-presidência da “Frente”, José Paulo Bisol).

Crescimento — Luiz Gushiken afirma que ainda é cedo para prever a proporção do crescimento parlamentar do PT no pleito de 90, mas observa que será correspondente no mínimo ao desempenho do partido na eleição presidencial. Se vitoriosa, a Frente Brasil Popular, apesar dos seus critérios seletivos, tenderia a eleger; se não a maioria, ao menos uma bancada suficientemente numerosa para, se coligada com outros partidos ou facções de centro-esquerda, dar sustentação parlamentar a um eventual governo Lula.

Com análise semelhante, o presidente do PSB, Jamil Hadad aponta “o fim dos currais eleitorais” como uma das razões do otimismo que se observa entre os dirigentes da “Frente”, e não esconde a importância da contribuição dada pela “Igreja Progressista” à vitória de Lula no primeiro turno, sobretudo no Nordeste.

A exemplo de Gushiken e do presidente do PC do B, João Amazonas, Hadad admite a reedição da Frente Brasil Popular nas eleições para governador, por entender que os três partidos que compõem essa aliança demonstraram

grande integração durante toda a campanha de Lula.

Segundo turno — Ao contrário do ceticismo existente fora da “Frente” quanto às chances de Lula numa disputa com Fernando Collor, Gushiken, Hadad e Amazonas mostram-se confiantes na força demonstrada no primeiro turno pela militância dos seus partidos, às quais se juntarão, agora, o PDT, a esquerda do PMDB e provavelmente a maioria do PSDB, interessados na derrota do candidato do PRN.

Gushiken admite que o desempenho de Lula em São Paulo, abaixo do esperado, pode ser explicado, em parte, pelas acusações, a seu ver improcedentes, feitas contra a administração da prefeita Luiza Erundina, mas observa que a causa principal de Lula ter ficado em quarto lugar se deve à fragmentação do eleitorado diante da existência de cinco candidaturas “paulistas” — o próprio Lula, Mario Covas, Maluf, Ulysses e Afif.

Por esse raciocínio, acredita o presidente do PT que no segundo turno Lula tende a conquistar a maioria do eleitorado de São Paulo e de outros grandes Estados, como Rio de Janeiro e Rio Grande do Sul, onde Brizola teve maio-

ria, além de Minas, Bahia e Pernambuco, onde o candidato da Frente Brasil Popular obteve grandes votações.

Perfis — Ao contrário das previsões otimistas feitas pelos partidos de esquerda, a eventual vitória de Fernando Collor na eleição presidencial não significará necessariamente a consolidação do seu partido, o PRN, que tem atualmente 21 deputados e três senadores.

Comparando-se os perfis de Lula e de Collor, bem como a história das legendas que compõem a “Frente Brasil Popular”, vê-se que candidatos e partidos apresentam características antagônicas. Lula, mais do que fundador, tornou-se um símbolo do PT, reconhecido, até pelos adversários, como o partido de maior coerência ideológica.

Collor não tem tradição de fidelidade partidária, nem o PRN é encarado como um partido de consistência ideológica. O candidato pertencia à extinta Arena, quando foi escolhido prefeito biónico de Maceió; foi do PDS, ao votar em Maluf no Colégio Eleitoral e, dois anos depois, do PMDB, quando se elegeu governador de Alagoas.